

Sarney fará viagens para pacificar PDS

Da sucursal de
BRASÍLIA

No programa de viagens que fará a todas as unidades da Federação, o presidente do PDS, senador José Sarney, vai desenvolver a última tentativa de unir o partido quando visitar Espírito Santo, Bahia e Rio Grande do Norte, Estados em que há resistências profundas e aparentemente intransponíveis aos candidatos oficiais.

A informação é de outros líderes do partido situacionista, para os quais ainda há esperança de que o ex-governador do Espírito Santo, Elcio Álvares, não suba ao palanque do candidato do PMDB, deputado Gérson Camata, num desafio ao governador Eurico Rezende, que impediu sua volta ao poder.

Para eles, as dissidências do PDS balano, chefiadas pelo senador Lomanto Júnior, desentendido com o governador Antônio Carlos Magalhães, ou a do senador Martins Filho e do deputado Vingt Rosado, no Rio Grande do Norte, não serão capazes de derrotar os candidatos governistas, respectivamente Clériston Andrade e José Agripino Maia. O esforço de Sarney terá sentido moral, de exemplo para outros Estados. No tocante, porém, ao quadro capixaba, Elcio Álvares pode desmontar a frágil candidatura de Carlito Von Schilden, cujas esperanças se fundamentam nos consideráveis recursos de seu candidato ao Senado, o empresário Camilo Cola, dono da maior empresa de transporte de passageiros do País.

Num rápido balanço, os pedessistas consideram satisfatórias as gestões até agora realizadas para unificar o partido. No Paraná, o presidente João Figueiredo conseguiu o que parecia impossível, a adesão do ex-governador Paulo Pimentel ao candidato Saul Raiz. O senador blônico Murilo Badaró está apoiando a candidatura do ex-ministro dos Transportes, Elliseu Resende. O deputado Levy Dias, derrotado na convenção partidária pelo candidato do governador Pedro Pedrossian, o ex-prefeito de Dourados, José Elias, admitiu, finalmente, disputar a reeleição.

Com isso estará reforçando a legenda do PDS.

Há quem tema a incidência do "voto camarão". Os dissidentes deixariam de sufragar os candidatos a governador, votando em branco e optando pelo restante da chapa oficial. Há quem veja com ceticismo tal mobilização.

"Já é difícil pedir para votar na gente, quanto mais motivar o eleitor para votar em branco. Acho difícil. Pode ser até que ocorra, mas não é fácil" — comentou, a propósito, o senador Alexandre Costa, que se opôs à candidatura do deputado Luiz Rocha ao governo do Maranhão.

"O PDS pode perder a eleição na Paraíba. No Rio Grande do Norte, a luta é dura. Em Pernambuco, a disputa é duríssima, mas a balança pende para o nosso lado" — previu ontem Thales Ramalho. Para o antigo secretário-geral do MDB, hoje no PDS, "o voto camarão não existe. Será uma parcela inexpressiva, de algum grupinho de elite que não modificará nada. O voto é vinculado e vai valer a chapinha que o eleitor levar de casa e copiar na cabina".

"Não vai haver voto camarão, nem siri, nem lagosta. Vai ser voto mesmo e a favor do PDS", — garante Nélio Lobato (PDS-PA). A propósito do favoritismo do senador Jarbas Passarinho sobre o seu candidato a governador, Oziel Carneiro, ele comenta: "Seis dos nossos candidatos a deputados federais estão entre os mais votados em Belém. Como é que o PMDB vai ser majoritário? O Passarinho está com 48% do Ibope, o Jader com 30% e o Oziel com 18%. No final, vocês vão ver: ganham Oziel, Passarinho e o PDS".

"Na Capital estou com 49,6% segundo o Ibope de 10 a 24 de agosto. No Interior, com 56%. No cômputo, dá 53% e fração a meu favor" — comenta o presidente do Senado, Jarbas Passarinho. Ele não teme o voto camarão em seu Estado: "O voto camarão pode ocorrer, tirando-se o céfalo-tórax ou a cauda. Nos dois sentidos. Lá no Pará, não existe. 90% dos votos dados ao Oziel são válidos. 30% dos votos dados ao Jader são nulos, porque dados também a mim".